

# PUCviva

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC



Herança: a reitora Maura Vêras discursa no debate de quarta-feira, 19/9, tendo aos seus pés o protesto dos estudantes

## RELEMBRANDO A INVASÃO

**D**urante toda a semana passada, diferentes eventos marcaram os 30 anos de invasão PUC-SP por tropas militares comandadas pelo coronel Erasmo Dias. Além do debate promovido pelo Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (confira matéria nesta edição), que apresentou relatos preciosos de quem viveu a turbulência do dia 22 de setembro de 1977, outras atividades lembraram o fato. Ainda no debate, a TV PUC apresentou o vídeo sobre a invasão realizado por sua equipe, que será exibido nos próximos dias no Ca-

nal Universitário. O jornal-laboratório *Contraponto* fez circular uma edição especial com entrevistas de professores que participaram da invasão.

Até o fechamento desta edição, o centro acadêmico Benevides Paixão havia programado para a noite do dia 21/9 a exibição de um vídeo mesclando imagens da invasão com filmagens próprias do CA. A atividade contaria também com a aparição do espalhafatoso personagem de Erasmo Dias, munido de inofensivas biribinhas e acompanhado de uma Kombi improvisada como viatura.

# TERMINOU

*Terminou o prazo para apresentação de propostas. Veja nesta edição os principais pontos desses textos.*

## O silêncio dos que lutavam

No dia 12/9, a Polícia Militar de São Paulo invadiu a favela Alba, na capital paulista, e aterrorizou mais de 7.500 moradores, cidadãos refugiados nas piores condições de moradia existentes no Brasil. No dia 13/9, a Polícia Militar de São Paulo invadiu a Fundação Santo André, uma instituição privada de ensino superior, no ABC paulista, e retirou com brutal violência da reitoria ocupada mais de 300 estudantes que protestavam contra o aumento abusivo das mensalidades.

O Brasil assiste à escalada da violência do Estado. Nas favelas do Rio de Janeiro, operações de guerra da polícia invadem os morros, humilham os moradores e matam pessoas inocentes. No decorrer deste ano, em São Paulo, o aparato repressivo do Estado espancou estudantes em três universidades, atingiu trabalhadores de inúmeras categorias profissionais, nas cidades e no campo. Os governos estaduais atuam com a total complacência dos poderes da República.

Onde estão a Ordem dos Advogados do Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Associação Brasileira de Imprensa, a União Nacional dos Estudantes, a Comissão Justiça e Paz, os intelectuais e acadêmicos, os sindicatos dos jornalistas, os partidos e organizações de esquerda – todos aqueles que anos atrás cerravam fileiras nas lutas contra a ditadura militar, contra a tortura e na defesa das liberdades democráticas e dos direitos universais do ser humano? Por que nada fazem, nada dizem e nada protestam contra as arbitrariedades atuais?

O silêncio dos que lutavam é muito mais amplo: está nas universidades, nas fábricas e nas centrais sindicais, em muitos daqueles que se puseram de pé contra as violências do regime militar e do sistema político-econômico injusto e opressor. Está na cara, agora, que a “redemocratização” de 1985 não parou com a violência contra os movimentos sociais, os pobres, os trabalhadores e os que continuam lutando por democracia. Está na cara que os governos federais eleitos diretamente em 1989, 1994, 1998, 2002 e 2006 não usaram o poder do voto popular para acabar com o uso sistemático da repressão. As demandas sociais estão sendo reprimidas com violência.

A ditadura militar ficou para trás, é passado, embora o governo ainda esteja devendo para a sociedade o devido esclarecimento e a punição dos crimes praticados. A luta social dos anos 80 contribuiu para superar o regime autoritário, construir a Constituição de 1988, promover eleições diretas para a Presidência da República e assegurar a liberdade sindical e partidária. Mas o Brasil continua enclacado no modelo econômico excludente e concentrador, em desigualdades sociais, ausência dos direitos básicos do povo e numa falsa democracia, na qual as questões sociais e as lutas dos movimentos são tratadas como caso de polícia – igual ao entendimento dominante no final do Século XIX e início do Século XX.

Ainda hoje precisamos recorrer à Declaração Universal dos Direitos Humanos – assinada pelo Brasil em 1948 – para enfatizar a situação de abandono da maioria da população brasileira, sem acesso à terra e à moradia, sem acesso ao trabalho e ao salário justo, sem acesso aos serviços públicos de qualidade. A repressão violenta do Estado tem sido a grande aliada das forças que controlam a economia, manipulam a política e exploram o povo. Nesse quadro o que espanta não é apenas a passividade e o temor que tomaram conta da sociedade, mas o silêncio conivente dos que lutavam e abandonaram a luta. O Brasil precisa retomar o melhor caminho – por uma sociedade mais democrática, mas justa e mais igualitária.

Hamilton Octavio de Souza,  
Diretor da Apropuc.

## Tem início série de debates sobre a América Latina

Ocorreu na última quinta-feira, 20/09, a primeira de uma série de palestras denominada *Encontros da América Latina*. A iniciativa é uma parceria do Departamento de Jornalismo da PUC, do Núcleo de Estudos de Jornalismo Perseu Abramo, e da Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST.

Nesse primeiro encontro, o convidado era Néstor Kohan, pesquisador argentino e docente da Universidade de Buenos Aires, que veio falar sobre o tema *A resistência e os desafios dos movimentos populares na Argentina*. No início de sua explanação, Kohan traçou um breve histórico das conseqüências trágicas do neoliberalismo em seu país, para chegar até o atual governo de Néstor Kirchner.

O convidado fez questão de ressaltar a ampla convivência dos meios de comunica-

ção em relação ao presidente argentino. Segundo ele, “Kirchner sabe como ninguém se utilizar da mídia para fazer valer seu discurso falsamente progressista”. Kohan denunciou diversas medidas autoritárias e reacionárias que o governo vem tomando na Argentina e destacou o silêncio da mídia frente essas atrocidades.

Durante a palestra ainda foi discutida a articulação dos movimentos sociais na América Latina, além dos desafios e as perspectivas que esses grupos populares possuem em suas lutas. Os encontros continuarão nos meses de Outubro e Novembro. A próxima atividade está previamente marcada para o dia 11/10. Entretanto, a comissão organizadora estuda alterar essa data por conta da proximidade com o feriado do dia 12.



O professor José Arbex Jr., do Núcleo Perseu Abramo (esquerda), Maria Gorete de Souza, da Escola Florestan F ernandes, com o convidado da noite, Néstor Kohan

JULIA CHEQUER

**PUCViva**

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

**Apropuc:** Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

**Afapuc:** Rua Cardoso de Almeida 990 – Sala CA 02 – Fone: 3670-8208.

**PUCViva:** 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** [pucviva.jornal@uol.com.br](mailto:pucviva.jornal@uol.com.br) - **PUCViva na Internet:** [www.apropucsp.org.br](http://www.apropucsp.org.br)

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

**Editor:** Valdir Mengardo

**Sub-editor:** Leandro Divera

**Reportagem:** Jaqueline Nikiforos e Filippo Cecilio

**Fotografia:** Fábio Nassif e Julia Chequer

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:** Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

# As propostas para o Redesenho Institucional

*Abaixo apresentamos alguns pontos das três maiores propostas para o Redesenho, além do texto enviado pelos Centros Acadêmicos para a discussão do processo. A página [www.pucsp.org/redesenho](http://www.pucsp.org/redesenho) traz a íntegra dessas propostas e de outras colaborações.*

## Equipe da Reitoria

Manter a autonomia universitária; reafirmar o processo democrático; assegurar integração ensino, pesquisa, extensão; privilegiar a organização por áreas de conhecimento; reafirmar o compromisso da PUC-SP com a sociedade brasileira.

## Professores do Centro de Educação

Redesenhar a universidade para torná-la mais racional e ágil, mantendo seu caráter democrático, respeitando sua história e colaborando com sua viabilização financeira. Fortalecer e articular o ensino de graduação e pós-graduação.

## Comissão de Representantes da FEA

Concepção e implementação de novos modelos de ensino que mantenham coerência com o compromisso social da universidade. Equilíbrio financeiro da instituição. Redução de espaços que permitam o encastelamento do poder.

Organização da universidade em Institutos, Câmaras, Conselhos e Pró-reitorias. Os Institutos, num total de sete, são divididos em áreas epistemológicas, abrigando graduação, pós e educação continuada. As Câmaras são colegiados acadêmicos que redirecionam as políticas dos Institutos, já os Conselhos são a expressão superior das disposições da universidade. As Pró-reitorias são unidades executivas e funcionais receptoras de demandas internas e externas, enquanto que os departamentos se constituem em unidades acadêmicas elementares.

Mantém os departamentos como unidades básicas, aglutinando-os por campos de conhecimento e não áreas do saber. Mantém as faculdades como instância fundamental de gestão acadêmica, que deve congrega vários cursos e fundir departamentos, respeitando suas especificidades. As faculdades congregam graduação, pós-graduação, educação continuada e projetos de pesquisa. A proposta prevê, além do reitor e do vice-reitor, quatro pró-reitores. O texto apresenta um estudo para o Centro de Educação, comprovando a viabilidade financeira da proposta.

A proposta cria seis grandes unidades acadêmicas (empresariais, jurídicas, educação, saúde, humanas e exatas). Além do reitor e vice, criam-se quatro pró-reitorias. Além do Consun não estão previstos novos conselhos, criando-se, porém, mais quatro câmaras (graduação, pesquisa e pós, assuntos comunitários e administração). No Consun, a representação será proporcional às unidades. A proposta apresenta uma simulação da chamada Unidade Acadêmica de Ciências Empresariais, onde estarão alocados os cursos de graduação, pós e especializações.

## Proposta dos CAs

Abaixo, transcrevemos alguns pontos da proposta apresentada pelos CAs Benevides Paixão, Clarice Lispector, 22 de Agosto, CA de Psicologia e CA de Filosofia

(...) Nós acreditamos que é necessário um redesenho institucional e que as mudanças são necessárias, mas antes de tudo é necessário que este processo seja democrático e que quem decida o futuro da universidade daqui para frente deve ser a comunidade universitária como um todo, e não apenas uma parte dela. Por isso, desde o início do processo, até mesmo antes da criação da Cori, exigimos que houvesse outros espaços de discussão, como por exemplo, uma audiência pública.

Estamos dispostos a experimentar

novos moldes de universidade, mas não aqueles que já foram experimentados e não deram certo, muito menos um projeto que não atenda às demandas específicas de cada curso.

(...) Para nós existe essa dicotomia exposta pelas outras propostas em relação aos cursos e suas estruturas administrativas e entre o seu papel dentro e fora dos muros da PUC-SP. A criação de institutos apenas tornaria mais burocrática e lenta a organização acadêmica. A principal proposta para o Redesenho Institucional é a fusão dos cursos como uma iniciativa interdisciplinar. (...) Cremos que o redesenho não deve existir para provar que a graduação não possui mais um papel de formação profissional.

(...) A nossa idéia ao escrever esta

carta não é apresentar uma proposta fechada de mudança institucional. (...) Está evidente para todos que esta discussão requer muito mais tempo. O que temos tentado fazer é ampliar o leque do debate, por isso exigimos (e continuamos exigindo) que a Reitoria apresente claramente sua proposta numa audiência pública, queremos que o máximo de professores, funcionários e estudantes saibam da proposta. O que queremos nestas linhas é demonstrar um pequeno esboço de uma outra visão da discussão sobre o futuro da universidade. Nos preocupamos muito com os caminhos que a PUC-SP tem tomado, por isso não abrimos mão de princípios básicos como qualidade de ensino e produção de conhecimento.

# "Tupi" or not "Tupi" Harvard (Eis a questão!)

Helgo Max Seitz

Na "academia" americana, pergunte aos estudantes e aos professores onde desejariam estar se pudessem impor sua escolha. Possivelmente Harvard estaria entre as primeiríssimas opções. O mesmo pode ser feito na "academia" brasileira. Talvez aqui tivéssemos escolhas baseadas mais nos cursos que nas universidades que os abrigam. De qualquer forma, as respostas que os consultados dariam, ou ainda, a que cada um de nós tem naturalmente, quando ponderadas em uma pesquisa científica, indicaria o posicionamento competitivo de determinado curso em relação aos seus congêneres.

Harvard mostrou que pode sim impulsionar este posicionamento de forma substantiva para todos os seus cursos, seja na Medicina, Direito ou na Administração, não importando se observarmos os níveis da graduação ou pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*, só para exemplificar.

Neste caso, cada curso dispõe de fartos recursos e se empenha para ser um legítimo Harvard, (uma Brastemp para os não iniciados), diferente do modelo que impõe "desnudar" e "inchar" os santos "fortes" para vestir os demais, assim por se dizer, chamado de "autonomia universitária (para

gastar a vontade)", "decisão política (para fazer só o que quero)", "cultura ideológica" (não se importa com quem esta sendo expropriado desde que mantenha seus privilégios) e, a cereja do bolo, os acordos que perpetuam esta perversidade sob a denominação de "democracia universitária (corporativa)". Nada contra, desde que se constituam limites que possibilitem evitar o esgotamento dos recursos econômicos e financeiros a ponto de rifar o futuro da instituição (como já vimos), ou dos cursos de geração positiva de caixa, condenados a uma lenta agonia por falta de investimentos que os mantenham competitivos (como estamos vendo), tudo incluído num alerta geral para o debate do re-desenho.

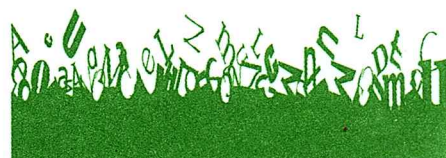
A perda do valor atribuído a cada curso é tão sutil como um pequeno vazamento em uma represa. No início insignificante, mas com o tempo pode causar uma ruptura catastrófica, e aí... bau bau. O posicionamento competitivo está associado ao público-alvo que desejamos conquistar, por exemplo, quanto mais comprometido for com a imagem de excelência da sua formação acadêmica, maior será o valor exigido (esperado) do curso e da instituição que frequenta, ou que deseja integrar. Se por outro lado, a obtenção do certificado se sobrepõe

ao aprendizado, o valor estará na facilidade desta conquista, e possivelmente, em também minimizar os custos decorrentes da mesma.

A gestão deste posicionamento é uma atribuição da instituição, na medida em que sempre haverá mercado tanto para os primeiros (ênfase na excelência), como para os últimos (ênfase na obtenção do certificado). A decisão quanto à massificação do ensino (fábrica de diplomas) implica o desmonte de valor para o grupo da excelência, afetando a seletividade docente e discente. A resultante da disputa por mais candidatos levará a competição aos mercados de baixo custo, o que implicará uma redução correspondente nas mensalidades ora cobradas.

O gestor fracassa quando se omite na definição do posicionamento competitivo em favor da chamada "geléia geral", na medida em que deixa à deriva as expectativas de um, ou do outro grupo, ou de todos simultaneamente. Perguntem ao PORTER, Michael, professor de estratégia, em... HARVARD!

Helgo Max Seitz é professor da Faculdade de Economia



# "Bombas continuam sendo atiradas"

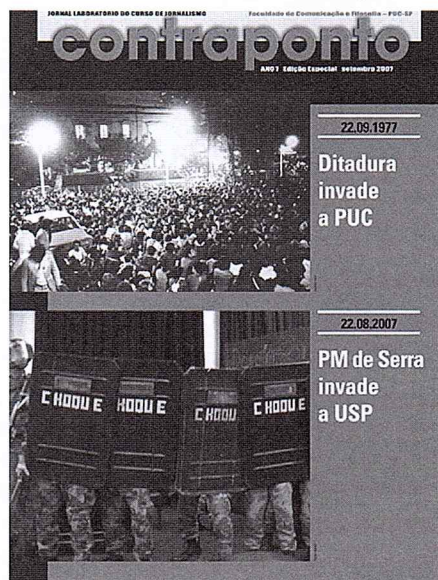
O debate que reuniu no dia 19/9, no Tucarena, os professores Edson Passeti, Paulo Edgar Resende, João Edênio Valle, APRO-PUC e AFAPUC, não apenas relembrou o episódio de 30 anos atrás, como também apontou o que daqueles anos de chumbo continua a existir ou nos ficou como herança. A parte saudável do que restou se manifestou ali mesmo: os estudantes não deixaram de marcar presença. Com faixas e panfletos, expuseram repúdio à intervenção da igreja e dos bancos, aos processos de sindicalização existentes e a segurança patrimonial terceirizada, a Graber.

A abertura ficou por conta da reitora Maura Vêras que, assim como outros convidados, leu um texto. "Os tenebrosos invernos, por mais longos que sejam, sempre cedem espaço para a primavera", observou. Maura vê que é preciso encarar a data com sentimento de revitalização, e que tal episódio faz lembrar que "nossa comunidade é heterogênea e temos de acolher todas as manifestações no âmbito da democracia".

Edson Passeti, da Faculdade de Ciências Sociais, também providenciou um texto para a ocasião. Nele, discorrendo sobre a liberdade, Passeti caminhou por vários acontecimentos que marcaram os anos de terror da ditadura militar. Alguns bem sabidos, como a morte de Vladimir Herzog; outros nem tanto, mas carregados da mesma aflição. Ao final de sua fala, pontuou: "Era isso o que tinha a dizer nesta Universidade que é sempre um espaço de experimentação da liberdade".

O professor do Departamento de Teologia, João Edênio, contou um pouco do que vivenciou. Na época,

Edênio era vice-reitor comunitário e lembrou que eram tempos de medo. "Recebia um ou dois telefonemas por dia ameaçando que uma bomba explodiria na Universidade", disse. O professor relatou todos os acontecimentos que motivaram a invasão: a organização do 3.º Encontro Nacional de Estudantes (ENE), o ato que proclamou a rearticulação da União



Jornal do curso de jornalismo que traz edição especial sobre as invasões de ontem e hoje

Nacional dos Estudantes (UNE) em frente ao Tuca naquele dia e, por fim, o cerco das tropas de Erasmo Dias, que destruíram muitos setores da universidade, feriram com bombas e prenderam até mesmo estudantes e professores em aula. Edênio comentou que ajudou muitos estudantes de extrema esquerda a escaparem. "Salvei muita gente da tortura naquele dia", completou.

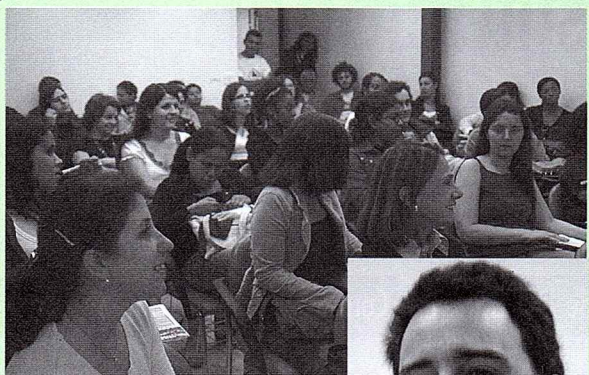
Outro professor que presenciou os momentos de tensão da invasão foi Paulo Resende, na época diretor da Faculdade de Ciências Sociais. Destoando um pouco dos outros debatedores e da discussão predominante, Paulo preferiu falar de outra invasão que vem acontecendo nos dias de hoje, que

chamou de "a invasão das uniesquinas", referindo-se à proliferação das universidades pautadas pelo mercado e que já são maioria no cenário educacional.

## O que não se fala

Não é possível pensar no que ocorreu no dia 22 de setembro de 1977 como águas passadas, de um tempo que deixou marcas profundas, mas que reteve as manifestações institucionais de truculência num contexto político já superado. Foi o que ressaltou o professor do Departamento de Jornalismo e diretor da APRO-PUC, Hamilton Octavio de Souza. "Não só durante o regime militar, mas também após ele, bombas continuam sendo atiradas", disse Hamilton, apontando que atualmente todos os movimentos sociais, incluindo o estudantil, continuam a ser brutalmente reprimidos pela polícia. O professor observou que neste ano, somente no estado de São Paulo, a Tropa de Choque do governo José Serra invadiu três universidades. "A diferença é que naquela época não estávamos tão entregues ao individualismo como hoje. Seria importante que conseguíssemos aqui na PUC-SP ter um compromisso de manter vivo o ideal de luta e de liberdade daquela época", concluiu.

O diretor da AFAPUC Francisco Cristóvão foi sucinto mas certo. Dizia seu texto: "Parece que o passado de lutas e enfrentamento com o Estado ficou para trás. As pessoas que viveram aquele período, hoje, ou estão aboletadas no poder institucional, ou gravitam em torno dele, ou devem estar amarguradas. Isso aconteceu com o PT, com a PUC-SP e com outras instituições".



JULIA CHEQUER

O escritor argentino Pablo de Santis (destaque), fala sobre sua obra no auditório da APROPUC

## Escritor argentino participa de debate na PUC-SP

A PUC-SP recebeu na terça-feira, 18/09, a visita do escritor argentino Pablo de Santis. O autor conversou com estudantes de Letras-Espanhol sobre o seu mais recente livro, *O enigma de Paris*, vencedor do 1.º Prêmio Planeta - Casa da América de narrativa Ibero-americana 2007. Inicialmente, de Santis explicou as idéias existentes por trás de suas personagens e como se dá seu processo criativo, além de contar sua trajetória como

escritor. Em seguida, os estudantes passaram a fazer perguntas para o convidado, pois analisaram sua obra em uma das disciplinas do curso. Ao final do encontro, o autor revelou que não tem por hábito participar de eventos em universidades, mas elogiou a participação dos estudantes no debate: "as perguntas foram muitas boas. Apesar de as pessoas terem lido apenas fragmentos de meu livro, gostei das observações que fizeram".

## Alerta sobre a saúde da mulher no site da Cipa

Já está no site da Cipa um artigo escrito pelo Dr. Luiz Ferraz de Sampaio Neto, do CCMB, que trata da importância das mulheres realizarem o exame Papanicolau. Com o título *Vencer o câncer é sua missão!*, o texto procura alertar para a necessidade de se erradicar o câncer de colo de útero.

## Estudantes organizam evento na periferia

No dia 30/9, das 8 às 22h, ocorrerá o Periferia Viva - Parte II. O evento, organizado por estudantes da PUC-SP, ocorrerá em Pirituba, e terá shows, performances, graffiti, circo, brincadeiras, comidas e bebidas. Informações: [zumbicapu@yahoo.com.br](mailto:zumbicapu@yahoo.com.br).

## Professores reclamam dos reajustes da SulAmérica

Os professores da PUC-SP têm-se queixado muito dos reajustes praticados pela Sul América Saúde. A APROPUC inclusive já conversou com a Fundação São Paulo para que providências sejam tomadas quanto ao convênio. Em contato com a Divisão de Recursos Humanos, o *PUCviva* registrou que, mais uma vez, a vilã dos reajustes é a sinistralidade (índice que mede o volume de utilização da apólice coletiva da PUC-SP). Segundo a DRH o número de utilizações continua subindo, o que estaria justifi-

cando os aumentos. O setor deve enviar nos próximos dias um comunicado aos usuários do sistema, visando uma utilização racional do plano. Essas recomendações, ainda segundo a DRH, não são medidas inibidoras da utilização do seguro, mas procedimentos que poderiam evitar uma utilização indiscriminada do seguro. A comunicação também deve apresentar um novo serviço da Sul América, o Saúde Ativa, que faz um monitoramento pessoal de pacientes em situação de risco.

## Abertas inscrições para oficinas de capacitação

A Coordenadoria de Estágios, em parceria com o Instituto Via de Acesso, realizará, entre os dias 24 e 28/9, oficinas de preparação de estudantes para o mercado de trabalho. As oficinas, que possuem temas como Comunicação e Expressão Verbal, Marketing Pessoal e Processos Seletivos, Trabalho em Equipe, dentre ou-

tros, serão gratuitas. As atividades acontecerão na sala 134-A, sempre das 14 às 17h. São 25 vagas para cada modalidade. Para se inscrever, basta telefonar para 3670-8298 ou enviar um e-mail para [estagios@pucsp.br](mailto:estagios@pucsp.br) com nome completo, número de matrícula e a especificação do curso que pretende fazer.

## Cepe aprova mais quatro novos cursos

Na sessão do Conselho de Ensino e Pesquisa da quarta-feira, 19/9, foram homologadas as propostas de criação de outros quatro cursos na PUC-SP. São os cursos tecnológicos de Gestão Ambiental e Conservação e Restauro; as graduações em Arte: História, Crítica e Curadoria, Sistemas de Informação e Engenharia Biomédica. Além disso, foi aprovada a reforma curricular do curso de Tecnologia em Mídias Digitais.

## Última semana de mostras na Videoteca

Encerram-se nesta semana as mostras *Panorama do cinema paulista: São Paulo no cinema*, com filmes de diferentes épocas sobre a capital paulista; e *Profissão: fotógrafo*, que possui duas vertentes. A primeira traz uma seleção de filmes que trazem o fotógrafo como personagem principal. A outra concentra-se em filmes em que se destaca o trabalho dos fotógrafos. As mostras ocorrem nos dias 24 e 25/09 e a entrada é gratuita.

## Correção

O valor correto do déficit da PUC-SP registrado pelo balanço do último semestre é R\$ 12, 645 milhões é

não R\$ 12.645, conforme havíamos publicado em nossa edição de número 631.